

Por uma organização nômade: rizoma e máquina-de-guerra na luta social

Felipe Amaral Borges
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ABERTURA

O texto a seguir se insere numa série de tentativas de pensar a organização para além do pensamento único e universalizante. Seu caráter ensaístico e não conclusivo, não progressivo, não linear, não pressupõe uma urdidura de ideias que resulte em tecidos e tramas resistentes e confiáveis. Pelo contrário, os conceitos se amalgamam, se entrelaçam e se fundem, de forma desordenada e fluida como num feltro¹. O feltro é o não-tecido, sem avesso e sem direito, liso, aberto e ilimitado, fluindo em todas as direções. A escrita aqui, não é mero instrumento de transmissão do texto; a escrita é processo. É na escrita que se dá o nomadismo, a violência do texto-máquina-de-guerra. O texto se constrói a partir de uma escrita nômade, uma escrita menor. Uma escrita menor que se constitui no interior de outra maior. Um ensaio no campo da escrita acadêmica, a escrita régia, a escrita legítima. Se vale, este texto, de “uma literatura menor ou revolucionária [que] começa por enunciar e só vê e só concebe depois”².

Nos últimos anos temos assistido à emergência de uma série de manifestações ao redor do globo que representam, de alguma forma, uma insurgência contra os modelos sociais instituídos e dominantes. Desde a imolação do tunisino Mohamed Bouazizi, 24 anos, vendedor de frutas, que, por não obter uma licença para venda de frutas, nem conseguir uma audiência com os setores responsáveis por sua concessão, ateou fogo a si próprio, até as mais recentes ocupações das ruas no Brasil, todas estas mobilizações clamam por mudanças na estrutura social. Mohamed Bouazizi procurava resolver um problema pessoal, sobre a sua licença para vender frutas na rua. Tornou-se, todavia, pivô de uma discussão mundial que – apenas no seu princípio – teve como centro a praça Tahrir. Logo a onda colérica de insatisfação espalhava-se pelo globo e lutavam, em sincronia, jovens na Espanha e em Portugal, estudantes no Chile, trabalhadores na Grécia, pessoas em Wall Street.

Mais recentemente, a partir do debate sobre o reajuste das tarifas do transporte público, assistimos a uma sequência de manifestações nas mais diversas regiões do Brasil. Se inicialmente a motivação pareceu ligada, diretamente, ao reajuste nas passagens, logo outras agendas se fizeram representar. Não tardou que críticos do(s)

¹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1440 – *O Liso e o Estriado*. In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. V. 5. Rio de Janeiro: Ed.34, 1997. pp. 179-214.

² Idem. *Kafka: para uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 43.

movimento(s) apontassem esta característica como “falta de foco”, compreendendo isso como uma fraqueza – não só do movimento – mas dos próprios argumentos em si.

Ainda que o estudo dos movimentos sociais e de processos não hegemônicos de organização já sejam temas contemplados pelos estudos organizacionais, é notável a carência de referenciais teóricos para a compreensão destes objetos. Ao mesmo tempo em que reforçam a legitimidade da presença dos estudos sobre movimentos sociais no campo dos EOs, Misoczky, Flores e Silva^{3*} destacam que tal limitação, fundamenta-se em uma compreensão limitada do que seja organização, pautada pela formalidade estrutural.

Longe de oferecer uma solução para a questão, o que proponho no presente texto é o exercício da reflexão sobre o processo de organização destes movimentos. Esta reflexão se dá a partir das metáforas oferecidas por Gilles Deleuze e Felix Guattari em seus *Mil Platôs*^{4,5,6}. Notadamente, a ideia de rizoma² tem papel central nesta reflexão, mas a máquina de guerra^{3,4}, concebida por uma ciência nômade, se conecta diretamente a este conceito e nos auxilia na compreensão da elaboração teórica pretendida.

Pensar a organização destes movimentos a partir do rizoma e da máquina de guerra é, portanto, um exercício de reflexão filosófica que, ao mesmo tempo em que identifica, circunda e delimita o objeto, afasta-se dele, deixa-o enevoar-se, seguindo na direção do sujeito. “Pensar não é nem um fio estendido entre um sujeito e um objeto, nem uma revolução de um em torno do outro. Pensar se faz antes na relação entre o território e a terra.”⁷. Pensar o processo de organização à luz do rizoma desterritorializa a organização, remove dela a ordem que é sua terra e a retorritorializa em outro espaço, que é aquele mesmo do questionamento da ordem estabelecida, espaço nômade. Ora, como poderia se pensar organização tomando dela algo que lhe é fundamental? Somente afastando o processo de organizar das ideias de ordenamento a que estão subordinadas,

³ MISOCZKY, Maria Ceci Araujo; FLORES, Rafael Kruter; SILVA, Sueli Maria Goulart. Estudos organizacionais e movimentos sociais: o que sabemos? Para onde vamos?. *Cadernos Ebape.br*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p.1-14, set. 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cebape/v6n3/v6n3a07>>. Acesso em: 20 abr. 2014.

*Ainda que seja um adepto do sistema de chamadas de referências “autor-data”, optei pelo uso da chamada numérica para preservar o fluxo de leitura do texto.

⁴ Idem. *Introdução: Rizoma*. In: Idem. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. V. 1. Rio de Janeiro: Ed.34, 2007. p. 11-38

⁵ Idem. *1227 – Tratado de Nomadologia: A máquina de guerra*. In: Idem. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed.34, 2008. p. 11-110.

⁶ Idem. *Devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível*. In: Idem, F. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, v. 4, 2012. pp. 11-120.

⁷ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995. p. 11-38

somente pensando-o por meio de metáforas, tomando-a rizoma, visualizando-a como máquina de guerra. Pensar inclui concepção de um plano que desterritorializa, mas não exclui uma reterritorialização, que se dá pela criação de uma nova terra por vir.

A metáfora pode representar uma fuga ao sufocamento do potencial de significação das palavras⁸. Ou pode representar as palavras não ditas: “Só a palavra nos põe em contacto com as coisas mudas. A natureza e os animais são desde logo prisioneiros de uma língua, falam e respondem a signos, mesmo quando se calam; [...] a rosa informulada, a ideia de rosa, só existe para o homem”.⁹ A representação metafórica se dá a partir de dois significantes dos quais um substituiu o outro, tomando o seu lugar na cadeia de significação. “[A] metáfora se coloca no ponto exato em que o sentido se produz no não-senso [...]”.¹⁰

As metáforas aqui apresentadas se constituem como conceitos filosóficos. Como tal, não se encaixam uns nos outros, não se complementam, não se ajustam. Seus limites não são claros nem bem definidos. “Eles nascem de lances de dados, não compõem um quebra-cabeças”.¹¹ Para pensarmos os conceitos filosóficos, precisamos projetá-los sobre um plano de imanência. O plano de imanência não é um conceito, o que o tornaria confundível com os próprios conceitos, e acabaria pela unificação e universalização dos conceitos. O plano é o absoluto ilimitado e informe, nem superfície nem volume, sobre o qual se projetam os conceitos, volumes absolutos, disformes e fragmentários.

Deleuze e Guattari se apoiam em Michel Serres para delinear uma ciência cujas características se fundamentam em um modelo hidráulico, fluido, no lugar de uma física dos sólidos; um modelo de devir e heterogeneidade em oposição a um modelo estável, constante; não se baseia em retas e suas paralelas, mas numa declinação curvilínea, em espirais e turbilhões colocados sobre um plano inclinado; problematização no lugar de teorematização, os elementos são conhecidos pelos seus acidentes e não por suas características estáveis, pelo que lhes ocorre e não por suas propriedades pretensamente intrínsecas. Uma ciência nômade se desenvolve em relação a um plano liso, vetorial, topológico, em oposição a um plano estriado, métrico. Um plano de imanência em oposição ao tabuleiro de xadrez.¹²

⁸ RICOEUR, Paul. *A Metáfora Viva*. São Paulo: Loyola, 2000.

⁹ AGAMBEN, Giorgio. *Ideia da Prosa*. Lisboa: Cotovia, 1999.

¹⁰ LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

¹¹ DELEUZE; GUATTARI, 1995. *Op. Cit.*, p. 51.

¹² Idem, 2008. *Op. Cit.*

Um plano como este não pode ser pensado, ele próprio, eis que se constitui na própria imagem do pensamento. Em sua extensão ao infinito, enquanto horizonte – não um horizonte relativo, limitante, mas um horizonte independente – não oferece um ponto de referência objetivo. Tudo é movimento. Não há espaço para um sujeito e um objeto que sejam outra coisa senão conceitos. E assim, o movimento, se se dá em direção ao infinito, é infinito porque também é volta, uma dobra sobre si mesmo. Um espaço liso, que se opõe a um tabuleiro estriado como o do xadrez. “O mar como espaço liso é claramente um problema específico da máquina de guerra”.¹³

O espaço liso é um campo sem condutos nem canais. Espaço liso, heterogêneo, compreendendo multiplicidades não métricas, acentradas, rizomáticas, que ocupam o espaço sem medi-lo, avançando progressivamente. Sua observação exterior é limitada, tendo que ser vistas de dentro, observadas do próprio plano em que se inserem.

Um espaço nômade se situa entre dois espaços estriados: de um lado a floresta, de outro a agricultura. O primeiro, conta com suas verticais arborescentes, o segundo, quadriculado, composto de linhas e paralelas. O espaço nômade é, portanto, ladeado, limitado, contido por estes campos que o limitam. A oposição é direta entre eles, que se opõem ao desenvolvimento do rizoma, enquanto este se volta contra os primeiros. Corrói as florestas, impõem-se por sobre as terras cultivadas.

O plano de imanência, liso, inclinado, conforme delineado por Deleuze e Guattari não compreende um processo de organização que pretenda ordenar, eliminar a incerteza, afastar-se do indecível. Este plano contempla isso, compreende a *differance*, incorpora o fluxo e o movimento. Neste plano de imanência pode-se imaginar uma organização emergente. Um processo de organizar que se dá, primordialmente no subterrâneo. A figura de algo que emerge em determinados espaços e permanece submersa em outros também é coerente com a metáfora do rizoma. Contudo, como forma organizacional é possível que os coletivos que se pretende descrever não estejam imersos, mas disputando espaço na superfície, sendo, contudo, eclipsados pelas formas hegemônicas de organização, consagradas pelo Estado e pela ciência régia. Ainda assim, “cada vez que há operação contra o Estado, indisciplina, motim, guerrilha ou revolução enquanto ato, dir-se-ia que uma máquina de guerra ressuscita”.¹⁴ Ora, se as formas tradicionais lhes fazem sombra, o rizoma brota nos espaços entre elas.

¹³ DELEUZE; GUATTARI, 2008. *Op. Cit.* p. 28.

¹⁴ *Ibidem.* p. 60.

Diferente de uma organização-árvore, sobre a qual se organizam níveis estruturais, tenha ela uma raiz única, central, pivotante, tenha ela como base uma raiz fasciculada, com radículas múltiplas. Em qualquer caso, a organização-árvore tem raiz. A organização-árvore tem um fundamento, é *uno*. *Uno* que se torna dois em um movimento dicotômico e uma lógica binária. As tentativas frustradas de multiplicidade representadas pela base mais ampla de uma raiz fasciculada correspondem a uma saída moderna, na qual se quebra a raiz pivotante em uma série de raízes que garantem sua estabilidade, sua direção, sua linearidade. Mesmo uma raiz fasciculada de uma organização-árvore faz crescer a multiplicidade em uma única direção, uma linearidade presa em uma estrutura.

Uma organização emergente seria aquela que se estende por entre as demais. Não se estabelece, se esgueira e preenche os vazios. Uma organização-erva que “existe exclusivamente entre os grandes espaços não cultivados”, percorre o subterrâneo e emerge extemporaneamente.¹⁵ Como uma toca, com diversas entradas e saídas, espaços com diferentes funções, de armazenamento, de conexão, de fuga. Pensar que, talvez, estes coletivos se organizem de maneira rizomática é imaginá-los assim, ratos correndo em túneis que hora se cruzam, ora se esvaem, ora se superpõem, prontos a sair a qualquer momento para as disputas da superfície.

Movimentos como estes nem sempre tem objetivos claros, racionalmente definidos, lideranças fortes e aclamadas. Pelo contrário, suas constituições não se dá a priori, mas na disputa, seus objetivos são múltiplos e contingentes – como o rizoma que cresce para não sei onde, tornando-se em broto, bulbo ou ramo conforme o que se lhe apresenta à frente. Como máquinas de guerra, se projetam em um saber abstrato, não estruturado, formalmente distintos daqueles que espelham os aparelhos de estado.

Estes movimentos são acusados de não oferecerem um novo modelo em substituição àqueles que pretendem derrubar. Ora, também a erva, rizoma que é, não pretende uma nova árvore no lugar da que circunda, ou uma nova lavoura por entre a qual se esgueira. Pretende apenas a sua florescência, se faz ver, se faz permitir. A erva que está ali reserva o seu lugar, ela está, simplesmente. Concorre com as grandes arborescentes por luz, por nutrientes, por espaço. No terreno social, os espaços que se criam demarcam propriamente as fissuras em uma ideologia hegemônica. Tais espaços,

¹⁵ DELEUZE; GUATTARI, 2007. *Op. Cit.* p. 30.

contudo, são contaminados pelo germe do rizoma que ali se instalou e, a partir daí, não se sabe, nem se pode prever, se broto, bulbo ou ramo emergirão a seguir.

O rizoma flui, portanto, sem uma referência fixa, conectando-se ele próprio a si mesmo em diferentes pontos, interagindo – fixando-se, desviando-se – do que encontra no caminho. O rizoma conecta seus brotos, mas também seus ramos, que se conectam por si, ou por bulbos formados extemporaneamente. Conectam-se, ainda, ao ar e à superfície em suas emergências, e ao solo e ao subterrâneo em suas imersões. Elementos e espaços distintos, em forma, em natureza, conectados, eles todos, por meio do rizoma. Os movimentos que sugiro enxergar como rizomas também se conectam a todo o tempo. E também conectam elementos muito distintos em sua formação. Lutam simultaneamente comunistas, desempregados, feministas, gays, e toda uma miríade de representações de gênero, jovens revoltosos contra o governo, jovens revoltosos contra a oposição. As demandas são por mais saúde, por educação, contra os partidos, brandidas ao lado das bandeiras de representações partidárias, de cartazes contra o racismo e contra as guerras. Emergem, simultaneamente, egípcios e árabes, estadunidenses e gregos, espanhóis e portugueses, brasileiros em seguida.

Num movimento arborescente, vemos o fluxo a partir de um ponto, um referencial. Do líder, ou da demanda central, partem os impulsos que chegam até a base (e não é este mesmo o termo utilizado para definir os que estão mais longe do “topo” ou do “centro”?). Quais as estratégias a serem utilizadas na luta, quais as demandas que neste ou no outro momento ganharão força, quais os quadros que tomarão a frente em cada batalha. Uma disputa qual um jogo de xadrez. “O xadrez é efetivamente uma guerra, porém uma guerra institucionalizada, regrada, codificada, com um frente, uma retaguarda, batalhas”.¹⁶ Movimentos rizomáticos, contudo não obedecem a estes preceitos. Estendem-se sem afrontamento ou sem retaguarda, não reconhecem uma linha de combate. Distribuem-se no espaço aberto, ocupam o espaço, emergem em qualquer ponto. “o movimento já não vai de um ponto a outro, mas torna-se perpétuo, sem alvo nem destino, sem partida nem chegada”.¹⁷

A heterogeneidade do rizoma figura ao lado da multiplicidade. A multiplicidade se dá quando o múltiplo, o distinto, o heterogêneo, é tomado como substantivo. Não há no rizoma pivô ou centro, pontos ou posições. O rizoma é composto de planos que se sobrepõem, se dobram. Não existem *papéis* na *não-estrutura* do

¹⁶ DELEUZE; GUATTARI, 2008. *Op. Cit.* p. 14.

¹⁷ *Idem.*

rizoma; não há distinção sujeito-objeto, mas n dimensões de multiplicidades. Não há líderes e liderados. Que não se compreenda, contudo, tal a-centramento como forma primária, mas como mecanismo complexo de organização dinâmica que não promove o mais forte, porquanto “inibe a instauração de poderes estáveis, em favor de um tecido de relações imanentes”.¹⁸ Movimentos que se organizam à imagem do rizoma contemplam uma saudável indisciplina, um questionamento da hierarquia, fluxos de abandono e traição, que garantem a inconformidade do coletivo, a dinamicidade de suas linhas e contrariam processos rígidos de estruturação.

A multiplicidade do rizoma faz com que sua formação seja, portanto, fluida, volátil. No lugar de estruturas verticais arborescentes passíveis de serem ceifadas por um único e certo golpe, “um rizoma pode ser rompido, quebrado em qualquer lugar, e também retoma segundo um ou outra de suas linhas e segundo suas linhas”.¹⁹ É próprio do rizoma desterritorializar-se para se reterritorializar mais além; expandir o seu espaço, desterritorializar o inimigo penetrando o seu território e rompendo-o internamente. Os fluxos que mantém unido o rizoma não são do tipo das dependências hierarquicamente constituídas, mas antes, são linhas contínuas omnidirecionais. Rompa-se um broto. Aniquile-se um bulbo. Roube-lhe um ramo. E o rizoma seguirá fluindo incessantemente. O germe do rizoma, capaz de brotar entre as sombras ou erigir-se a partir das fissuras, transmite-se, assim, a qualquer de suas partes.

A morte por imolação de Mohamed Bouazizi não extinguiu sua luta. A prisão de tantos ocupantes de Wall Street não enfraqueceu o movimento. A prisão e morte de manifestantes no Brasil não foi suficiente para conter a onda de protestos. Como que se replicando a cada instante, a insurgência se renova a cada perda, a cada corte. Fluindo, ao modo do rizoma, cresce e torna a brotar. Em um movimento múltiplo, contingente, as formas de identidade e identificação entre seus membros já não são interiores e sólidas, mas antes, constituídas à exterioridade, na contingência, precárias. Não são identidades rígidas e construídas ao longo do tempo. Se dão ao momento. São mais afetos que sentimentos, singularidades que atravessam os corpos como flechas, armas de guerra.²⁰

Tal fluidez, inconsistência, rizoma mais líquido do que sólido, por certo só pode se pensar em relação a conceitos cuja história se desdobre em ziguezague, cruze

¹⁸ Ibidem. pp. 20-21.

¹⁹ DELEUZE; GUATTARI, 2007. *Op. Cit.* p. 18.

²⁰ Idem, 2008. *Op. Cit.*

outros problemas, acomodem-se em relação aos outros conceitos em seu *devoir* e suas conexões.²¹ Não se pode pensar, assim, em um eixo ou estrutura profunda para o rizoma. Não há base ou fundamento *uno* sobre o qual se erige uma pretensa estrutura. Qualquer tentativa de estabelecimento de uma base prévia transformaria o rizoma em raiz – pivotante ou fasciculada, uno ou múltiplo – ou radícula, um sistema arborescente a partir do qual se decalcam folhas, numa hierarquia a partir do centro. O rizoma não é decalque, mas mapa. O mapa é capaz de conectar todas as suas dimensões, territorializar-se por sobre o plano, modificar-se constantemente. Em vez de decalque, “é a força que destrói a imagem e suas cópias, o modelo e suas reproduções, toda possibilidade de subordinar o pensamento a um modelo [...]”.²²

Organizar-se como um rizoma é, portanto, não ter imagem, nem para modelo, nem para cópia. É ser máquina de guerra, constituída de revezamentos, formar-se por ambulantes no lugar de uma cidade modelo. Tal máquina de guerra é consequência de uma organização nômade, a quem é negada uma história, mas não uma geografia, uma topografia de sulcos, furos, e linhas de fuga. Quando se decalca, estrutura-se o rizoma, traduz-se o mapa em imagem. O rizoma se replica, mas o decalque o paralisa, enquanto o mapa mantém a dinamicidade. “Quando um rizoma é fechado, arborizado, acabou, do desejo nada mais passa; porque é sempre por rizoma que o desejo se move e produz”.²³ Desejo este que a arborescência verticalizou. A máquina de guerra é regida por afectos; o rizoma é liberação da sexualidade. A sexualidade não é suficientemente explicada pela oposição binária dos sexos ou por uma conjunção bissexuada de cada um dos dois. “A sexualidade coloca em jogo devires conjugados demasiadamente diversos que são como *n* sexos, toda uma máquina de guerra pela qual o amor passa”.²⁴

O trabalho que se institui aqui é o de refletir sobre processos de organização de movimentos populares, inspirado por exemplos como aqueles observados ao redor do mundo ao longo do ano de 2011 e no Brasil em 2013. Sugiro que pensá-los sob a ótica das teorias tradicionais dos estudos organizacionais seja indevido e infrutífero. Outros esforços teóricos se fazem necessários. Todavia, tomar o ponto de vista da ciência nômade, por meio das metáforas do rizoma e da máquina de guerra parece uma alternativa mais proveitosa. Ao fazê-lo, caio em outra figura de Deleuze e Guattari:

²¹ Idem, 1995. *Op. Cit.*

²² Idem, 2008. *Op. Cit.* p. 48.

²³ DELEUZE; GUATTARI, 2007. *Op. Cit.* p. 23.

²⁴ Idem, 2012. *Op. Cit.* p. 72.

vejo-me entre dois fogos, de um lado o calor inspirador da máquina de guerra, do rizoma, dos planos lisos, da ciência nômade, do outro a chama implacável da hegemonia, do Estado, da ciência régia, das formas consagradas de organização. Essa oposição, ou melhor, essa tensão-limite das duas ciências, ciência nômade de máquina de guerra e ciência régia de Estado, encontra-se em diferentes momentos, em diferentes níveis.²⁵

A máquina de guerra existe a partir de agenciamentos dos bárbaros e guerreiros; é obra do pensamento nômade. O pensamento nômade, a ciência nômade, não se fundamenta em um sujeito pensante universal, mas invoca uma raça, uma tribo singular, que transite sobre o espaço liso. Esta raça, contudo, não é uma definição qualquer, a partir da qual se pudessem instituir mitos totalitários. A tribo-raça só se constitui como raça oprimida, minoritária. Não se concebe a ideia de raça dominante, definida a partir da pureza. A raça de um grupo é definida pelas suas bordas, pelas suas franjas, pela impureza que o sistema de dominação lhe confere. “[O]s corpos coletivos sempre têm franjas ou minorias que reconstituem equivalentes de máquina de guerra, sob formas por vezes muito inesperadas[...]”.²⁶

Mas o estado age imediatamente, atuando sobre os planos inclinados e enquadrando a ciência nômade em regras civis e métricas que a limitam, controlam e localizam, fixando um referencial. Figurativamente, o Estado subordina a força hidráulica a condutos, canos, diques, a fim de impedir a turbulência, impondo um espaço estriado e mensurado. A máquina de guerra, em seu modelo hidráulico, em oposição, busca se expandir num espaço liso, produzindo um movimento que tome todo espaço.

Os conflitos observados recentemente apresentam muitas das características das metáforas que descrevi. Como tal, tais descrições não se aproximam do objeto em si, mas estabelecem uma conexão com ele, conexão do olhar com o que é visto, sujeito com objeto. São construções dos autores, *de autores*, pensamentos filosóficos que não podem outra coisa senão olhar sobre os ombros para ver o que passou. São construções das quais me aproprio para sugerir um outro olhar sobre fenômenos que envolveram um enorme contingente de pessoas, e influenciaram, possivelmente, a todas. Os conflitos estado-sujeitos tiveram todas as feições possíveis. A emergência das singularidades anteriormente submersas, relegadas ao subsolo das cidades, condenadas a viverem sob o

²⁵ Idem, 2008. *Op. Cit.*

²⁶ Ibid. p. 32.

asfalto – outra vez falo metaforicamente, já que, em verdade, muitas destas singularidades, unidas em sua multiplicidade, estão no alto dos morros, ou nas periferias, margens, das grandes cidades, e seria somente este o caso em que se poderia pensar, sob esta ótica, em uma relação centro-margens – mostrou que há nômades ansiosos por se materializarem em um plano liso. O papel do Estado parece ser, justamente, estriar o espaço e vencer o nomadismo. Estabelecer, assim, trajetos fixos, direções bem determinadas, definir por onde andar, estabelecer os limites, enquadrar os sujeitos.

Não, há no momento, saída possível, que não a de empreender, maquina e rizomaticamente, a frutificação do nomadismo e o alisamento, a des-estratificação do espaço. A reflexão que pretendi iniciar aqui não oferece qualquer solução para qualquer problema que esteja posto. Se propõe, contudo, a ampliar nossa capacidade de compreensão de processos de organização de coletivos, movimentos, bandos que são, por natureza, do tipo rizoma. “Metamorfoses de máquinas de guerra.”²⁷ Que, por seus próprios fundamentos, diferem de qualquer processo formal, estruturado ou institucionalizado que pretenderiam sociedades centralizadas. Se propõe ainda, a expor a emergência de uma forma nômade de organização, uma forma rizomática, a se imiscuir por entre as sombras de formas hegemônicas de organização, anunciando múltiplas possibilidades de sociabilidades.

²⁷ ²⁷ DELEUZE; GUATTARI, 2008. *Op. Cit.* p.21.